

REFLEXÕES CLÍNICAS: UM OLHAR DA PSICANÁLISE ACERCA DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM INFANTIL

Marcos André Dessanti
Matias Trevisol

Resumo

O presente resumo é um relato da experiência de estágio, com enfoque na prática clínica infantil. A instrumentalização teórica dar-se-á através da abordagem psicanalítica, acrescida de análise prática acerca das intervenções clínicas com crianças e as respectivas queixas apresentadas por pais/escola, frente ao seu desempenho escolar. O objetivo é analisar como as crianças internalizam os rótulos de dificuldades de aprendizagem e comportamentos agressivos, mediante a exposição a situações que estão além do ambiente escolar, como as relações parentais e sociais. As atividades foram desenvolvidas através do componente de Estágio Curricular Supervisionado I, sendo esta, uma disciplina do curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC) sob supervisão e orientação.

Diante disso, a prática clínica instrumentalizada pela psicanálise, pode contribuir muito para a psicopatologia e saúde mental. Figueiredo (2004), cita que é preciso apontar o sentido do diagnóstico, ao se incluir aí o sujeito do inconsciente. De tal forma, o sintoma não vem sem sujeito, tal como o sujeito não vem sem o sintoma. Far-se-á necessário um intermediador através dessas relações. Nesse caso a intervenção analítica é vista com bons olhos.

Perfaz o entendimento que as crianças também carecem de atendimento analítico, porém estas vem a clínica intermediadas por algum responsável, costumeiramente são os pais. Observa-se que a demanda explicitada pelos pais para com a criança, diz muito sobre a constituição familiar ali presente. Forbes (2014, p. 249) exemplifica que: "No jargão lacaniano, costuma-se dizer que antes de falar, a criança é falada, o que a leva a se tornar dependente do que pensa serem as expectativas das pessoas que são importantes para ela".

Tendo isto esclarecido, compartilho de uma experiência clínica, com uma criança de 8 anos, esta vem ao atendimento com o rótulo de dificuldade de aprendizagem e comportamentos agressivos e incongruentes com o ambiente escolar. Por meio da entrevista anamnese, o primeiro contato foi com os pais, antecipando o Eu do sujeito que ainda não se apresentou em cena, e por ora é constituído e envolvido pela linguagem do grande Outro. Os pais relatam acerca do comportamento da filha, mas também expõem simbolicamente a dinâmica vivenciada por eles. O casal vem enfrentando um divórcio turbulento, agressivo, e que só obteve fim após um ano de mediações. A dinâmica dos pais não é assertiva, e não respeitam o lugar de fala de cada qual na relação, tampouco durante a anamnese.

A criança categoricamente apresentou essas queixas em meio ao cenário conflituoso familiar, onde vive o divórcio dos pais e externaliza o seu Eu através de actings, sendo estes actings-out (nas relações escolares) e actings-in (dentro do consultório). Zimerman (2009, p. 247) descreve esse termo, actings ou traduzido do inglês em forma de atuação: " [...] como uma importante forma de comunicação, bastante primitiva, de sentimentos que o paciente não tem condições de verbalizar e que se expressam pela linguagem paraverbal da ação." Com as crianças essa atuação aparece com mais frequência, principalmente na escola, já que esse período coincide o investimento de energia psíquica correspondente a fase de latência, proposta pela teoria de desenvolvimento psicosssexual estabelecida por Freud.

Diante disso, os impulsos sexuais ainda existem, porém são expressos através de atividades sociais, todos de forma assexuada. Diante de tal cenário, a

análise para a criança: "Visa a possibilitar o percurso que vai do sem palavras para uma nomeação e suporte que privilegie outra relação com a satisfação, o gozo, sem alienar-se nas palavras acostumadas do mundo que a rodeia" (FORBES, 2014, p. 248). A criança no setting analítico encontra saídas para as problemáticas, que por ora, são familiares. O sintoma para a criança responde ao que existe de sintoma na estrutura familiar.

É observável que através das brincadeiras infantis, a criança externaliza seu conflito, de tal modo que a compulsão a repetição atue no jogo infantil. Nos atendimentos clínicos observou-se: "[...] que as crianças repetem, brincando, o que lhes produziu uma forte impressão na vida, que nisso reagem e diminuem a intensidade da impressão e tornam-se, por assim dizer, donos da situação". (FREUD, 2010, p. 129) De um ponto de vista econômico, o caráter desprazeroso do comportamento hostil dos pais refletidos na família, implica na criança obter prazer de uma forma hostil, frente ao objeto que lhe sucedera desagradável.

No caso da criança analisada, o desejo que domina tais situações de agressividade escolar, poder-se-ia alienar-se a condição de vingar-se dos pais e sucessivamente ter um desempenho escolar abaixo do esperado e depositado por eles, mediante ao conflito desprazeroso do divórcio proporcionado a ela, que mudou sua rotina, subtraiu as atividades que gostava e compartilhou sua guarda em casas diferentes. Com os atendimentos clínicos, percebeu-se como a criança gasta elevada carga de energia criando estórias e situações, resultando em um efeito terapêutico benéfico, principalmente no que diz respeito à escola.

Em outro movimento, já percorridas algumas sessões, a criança levou ao atendimento algumas flores que encontrou no caminho de casa até a clínica, quando questionada, ela profere que as flores devem ficar na clínica para os atendimentos. Para não violar o setting analítico, brevemente refletimos sobre o presente e acerca das flores, e o que estas simbolizavam para a criança. Para ela, as flores são cheirosas, bonitas e enfeitam o lugar que estão. Essa transferência ao analista, remonta uma gratificação por poder ser livre e

criativa e expressar seu conflito no setting, sem as proibições parentais deliberadamente transferidas a criança.

Nesse movimento é visível a obtenção de prazer ao quebrar certas regras impostas pelos pais, de tal modo que as brincadeiras preferidas envolvem tintas e certas formas de “bagunça”, sendo estas intoleráveis em casa. Lacan (2003, p. 517) cita esses ganhos, especificando que: “A cura é a demanda que parte da voz de quem sofre, de que sofre no seu corpo ou no pensamento”. Quando uma história é contada, mesmo da forma não-verbal da linguagem, outra história é escrita. Felice (2003), articula que através da análise, as crianças são capazes de contar sua própria história, com saídas, e com a obtenção de ressignificações próprias que permitem que este movimento através do jogo e da brincadeira, seja plenamente transformador de angústias.

Considerações finais: Diante disso, ao abordar os temas atuais de desempenho e comportamento escolar, várias reflexões emergem frente ao posicionamento da psicologia nesses cenários onde a criança é o centro desses temas. Desse modo, contribuir e entender acerca da dinâmica familiar presente nas dificuldades de aprendizagem infantil, é um movimento importante frente aos rótulos que são atribuídos as crianças. Ter a oportunidade de experienciar essas vivências e significados acerca dessas relações, é um passo importante para possíveis transformações sociais norteadas pela psicologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FELICE, Eliana Marcello de. O lugar do brincar na psicanálise de crianças. *Psicologia: teoria e prática*, v. 5, n. 1, p. 71-79, 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872003000100006. Acesso em: 04 de jun. 2021.

FIGUEIREDO, Ana Cristina. A construção do caso clínico: uma contribuição da psicanálise à psicopatologia e à saúde mental. *Revista latinoamericana de*

psicopatologia fundamental, v. 7, n. 1, p. 75-86, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=%22S1415-47142004000100075%22&script=sci_arttext. Acesso em: 12 de maio. 2021.

FORBES, Jorge (Ed.). Psicanálise: a clínica do real. Editora Manole, 2014.

FREUD, Sigmund. História de uma neurose infantil: O homem dos lobos; Além do princípio do prazer e outros textos: 1917 [1920]. 2010. p. 424-424.

LACAN, J. Televisão, 2003. In J. Lacan, Outros escritos (p.508-543). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1973).

ZIMERMAN, David E. Manual de técnica psicanalítica: uma re-visão. Artmed Editora, 2009

E-mail: marcos.dessanti@gmail.com

E-mail: matias.trevisol@unoesc.edu.br